

# **Relato de experiência de um agente socioeducativo: reflexões sobre o ensino de música em contexto de privação de liberdade**

## **Comunicação**

### **GTE 03 - Educação Musical e Humanização**

*Anderson Francisco Santana Ribeiro  
Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames)  
biddocavaco@gmail.com*

*Murilo Ferreira Velho de Arruda  
Faculdade de Música do Espírito Santo “Maurício de Oliveira” (Fames)  
arruda.murilo@gmail.com*

**Resumo:** Este trabalho trata do relato de experiência de um agente socioeducativo no Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (IASSES), em Vitória, capital do estado do Espírito Santo. Atuando entre 2011 e 2013, neste espaço de privação de liberdade para adolescentes em conflito com a lei, promoveu oficinas de música de forma voluntária para a prática de samba com percussão e cavaquinho, decorrente da sua experiência musical. A detenção de um familiar próximo acabou trazendo o questionamento sobre o porquê alguns adolescentes cometem os atos infracionais, gerando o interesse no trabalho como agente socioeducativo. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre uma experiência de ensino de música para adolescentes em conflito com a lei. Como resultado, foi possível reafirmar a potencialidade do ensino de música para a formação humana e, a partir do referencial teórico, gerar entendimentos mais complexos desta realidade.

**Palavras-chave:** adolescentes em conflito com a lei. ressocialização. educação musical humanizadora.

## Introdução

Iniciamos este artigo com o relato de um dos autores<sup>1</sup>, que trabalhou como agente socioeducativo, entre 2011 e 2013, em um espaço de privação de liberdade para adolescentes em conflito com a lei. No Instituto de Atendimento Socioeducativo do Espírito Santo (IASSES), em Vitória, capital do estado do Espírito Santo, utilizando sua experiência como músico de samba e pagode, promoveu o ensino de música aos adolescentes, levando-os a descobertas sobre a potencialidade da música para a formação humana. O objetivo deste trabalho foi refletir sobre uma experiência de ensino de música para adolescentes em conflito com a lei. Nossa pretensão com o relato de experiência, assim como aponta Domingo (2016), não é representar a experiência, mas enriquecê-la e transformá-la: indagar o vivido para perceber melhor os caminhos da educação.

## Relato de experiência

Nasci em 1972, no bairro Alto Boa Vista no Município de Cariacica, no Estado do Espírito Santo. Aos oito anos meu pai me presenteou com um pandeiro que ele produziu de forma artesanal: uma lata de ferro de goiabada cascão que era o corpo do instrumento e champinhas (tampa) de metal de refrigerante que viraram as platinelas. Meu avô tocava violão e rabeça. Com o tempo, comecei a participar junto ao bloco de carnaval do bairro. Com 10 anos, me encantei pelos instrumentos musicais da bateria (nome dado a um conjunto percussivo presente no carnaval). Iniciei como ritmista, tocando percussão, e depois fui presenteado pelo meu pai com um cavaquinho com o qual desenvolvi meus estudos musicais de forma intuitiva através de métodos como “Antologia do Cavaco” de Henrique Souza, revistas de cifras como “Os Pagodeiros” e

<sup>1</sup> Este trabalho é fruto da pesquisa em desenvolvimento de Iniciação Científica de Anderson Francisco Santana Ribeiro, sob orientação de Murilo Ferreira Velho de Arruda, que teve apoio da Fundação de Amparo à Pesquisa e Inovação do Espírito Santo (Fapes).

ouvindo as músicas na rádio. Ao longo da vida atuei como músico tocando em barzinhos, grupos de samba e pagode (A Força do Pagode, Grupo Sob Medida, Pagode Lá de Casa e Ponto G - O prazer do Samba) e como cavaquinista na escola de samba Independente de Boa Vista.

Em 2010, um familiar próximo com 14 anos foi preso por envolvimento com o tráfico de drogas, e, fui visitá-lo em uma unidade prisional no município de Vitória, Espírito Santo, onde ficavam os recém chegados e sem antecedentes criminais. Lá conheci um agente socioeducativo que falou sobre seu trabalho, me gerando curiosidade sobre a profissão. E algo me incomodava no sentido de querer compreender o que levou este adolescente a optar pelas escolhas que o levaram até essa situação.

Na semana seguinte, descobri que o processo seletivo para o cargo de agente socioeducativo estava aberto e me inscrevi. Ingressei em uma Unidade de Internação Socioeducativa (UNIS) no município de Cariacica-ES e lá permaneci durante dois anos (entre 2011 e 2013). Nesse tempo aprendi muito como pessoa, sendo uma experiência muito proveitosa na minha vida como cidadão já que me aproximei de uma realidade brasileira que desconhecia: os espaços de privação da liberdade.

A partir desse momento, trabalhando como agente socioeducativo me deparei com várias experiências. Inicialmente os adolescentes de 16 anos conviviam com os de 18 que ficariam no mesmo espaço até os 21 anos. Tal situação gerava uma série de conflitos e violência das mais diferentes gravidades e espécies (físico, psicológico, sexual). Tivemos uma visita da Organização das Nações Unidas (ONU) que, pelo interesse no cumprimento dos direitos humanos, conversou com responsáveis e com as pessoas em situação de privação de liberdade e examinou o funcionamento e a estrutura física da instituição. A partir dessa visita, a instituição precisou se readequar para a função de ressocialização, levando à demolição e reconstrução de unidade em Cariacica-ES bem como a construção de novas unidades na região Norte e Sul do Estado.

Em 2012, foi construída uma nova unidade no município de Vila Velha-ES para menores infratores de 18 anos completos até 21 anos. A partir deste momento os adolescentes de 12 anos até 18 anos incompletos ficariam na unidade localizada no município de Cariacica-ES, e os que tinham a partir de 18 anos iriam para a nova unidade no município de Vila Velha-ES.

Na instituição havia um coral e, no fim de 2012, soube por amigos de trabalho que, a tempos atrás, havia oficinas de instrumentos musicais na unidade. Estavam guardados aproximadamente quinze instrumentos, dentre pandeiros, tantans, ganzás e cavaquinhos. Como agente socioeducativo e músico, fui até à Direção do complexo e ele me aceitou como instrutor voluntário na unidade, dando aulas em três galerias e ensinando samba.

A partir daí minha relação com os adolescentes mudou bastante. Comecei a ministrar oficinas de cavaquinho e percussão (tantan, chocalhos, tamborins e pandeiro). Percebi que os adolescentes foram descobrindo que tinham capacidade para aprender música, além de perceberem que já tinham algumas habilidades musicais desenvolvidas. Considero que eram muito inteligentes, dedicados e capazes, e o interesse pela música foi aumentando de forma contagiante e libertadora (experimentando momentos de liberdade).

O ensino se deu pela repetição, oralidade e visualidade. Para chegar ao ritmo básico do samba no pandeiro, eu fazia a contagem associando aos movimentos sendo polegar (1), ponta dos dedos (2), punho (3) e ponta dos dedos (4). Já no tantan utilizei a silabação “me cutuca te cutuco” que produzia o ritmo desejado, da mesma forma que aprendi. Hoje, enquanto licenciando em música, penso que se trata de frase onomatopeica (figura de linguagem) já que associa os fonemas “me” e “te” com o som chiado da mão que bate no corpo do tantan, geralmente de alumínio ou madeira.

Eu me envolvia cada vez mais com o trabalho, sendo até árbitro dos conturbados torneios de futsal, demonstrando que eu usufruía de um certo respeito com os adolescentes. Por conta das oficinas de música, a relação

de proximidade com eles aumentou e começou a me causar problemas profissionais, por conta de alguns colegas de trabalho que tinham uma visão punitivista e, portanto, violenta, abusiva e arbitrária, e não cumprindo a função socioeducativa ou ressocializadora conforme está prevista na lei. Percebi que também estava tendo problemas psicológicos e emocionais, visto que compreender o que leva os adolescentes a estarem em conflito com a lei ainda era um desafio para mim. Eu estava absorvendo os problemas (sociais, pessoais, familiares, entre outros) dos adolescentes e misturando com os meus problemas pessoais.

Iniciei tratamento psicológico que me diagnosticou com estafa mental e fui afastado. Na volta, refleti sobre a grande responsabilidade social deste trabalho e a necessidade de maior compromisso de alguns agentes para a ressocialização.

## **Reflexões a partir da literatura**

A partir de um evento no âmbito pessoal (familiar preso), quis compreender melhor os motivos que levam alguém a se envolver com atos ilícitos, os quais podem levar à restrição e privação de liberdade. Como agente socioeducativo me aproximei ainda mais dessa realidade. Considerando as vivências: no lases e fora dele, a história das pessoas, a relação com os agentes e adolescentes, a visão da sociedade sobre os adolescentes em conflito com a lei, as aulas de música, a minha relação com o familiar considerado infrator e em tantos outros momentos que me envolveram entre 2011 e 2013, considero que tive uma transformação no sentido de não fazer juízos de valores sobre as pessoas que estavam naquela situação e me colocar no lugar do outro. As minhas relações com os adolescentes em conflito com a lei e com demais colegas mudou bastante a partir do meu trabalho de ensino musical decorrente de minha vivência artística no samba e pagode.

Como professor, não foquei no ensino de música apenas na qualidade do som. Foi possível pensar no ensino musical como ferramenta para construção do indivíduo. Para isso, a forma como era ensinado, e não

apenas o resultado musical, era importante. Em relação fundamentada na amorosidade e no respeito ensinei como aprendi usando a oralidade e a repetição. Acredito que, em algum momento, isso os levou a sonhar, pensar em outras possibilidades para si, assim como ocorreu em outros trabalhos de música em ambientes de privação e restrição de liberdade (Hikiji, 2006; Quadros, 2018; Fernandes, 2023; Arroyo, Chiarini e Yamaoka, 2019). Fernandes (2023, p. 22) aponta que “a música pode significar uma mudança de vida para as pessoas em privação de liberdade, pois ela desperta sonhos e estes determinam ações e comportamentos para que sejam alcançados”.

Desenvolvendo um trabalho com adolescentes em conflito com a lei, Hikiji (2006), trata da música e o risco, sendo este último um conceito bem amplo e complexo. A autora afirma que “Os projetos de ensino de música, teatro, dança, artes plásticas, entre outras atividades, têm a preocupação em oferecer alternativas às realidades de carência (não só financeira, mas afetiva, de lazer, etc.)” (Hikiji, 2006, p. 73). Assim, o objetivo de muitos projetos não é a profissionalização musical do indivíduo, mas o trato de cidadania, o resgate da autoestima (individual e coletiva). Segundo Hikiji (2006), proporcionar aos jovens a elevação da autoestima é um grande desafio enfrentado pelos projetos sociais. Segundo Hikiji (2006), os projetos atuais vem recebendo um reconhecimento significativo no trato, onde se pode observar que o público-alvo é definido como “jovens em situação de risco”.

Da “situação de risco”, entende-se a vulnerabilidade social construída e refletida no ambiente e condições em que se vive. Traz outra definição de “risco” como uma oportunidade de transformação, vinculado com o espaço seguro de transformação, onde as emoções, os relacionamentos, as vivências devem ser compreendidas como se fossem um caminho em direção a quem importa: o indivíduo.

O ensino de música não é a única solução ou plenamente efetiva na transformação dos indivíduos, contrariando a ideia de que a música cumpre uma função redentora por si só. O ensino de música também pode

seguir caminhos contrários à humanização quando são pautados no medo, na reprodução acrítica e com foco exclusivo no produto musical. Ou seja, não é qualquer tipo de educação musical que vai conseguir promover uma formação para sujeitos mais autônomos, críticos, respeitosos e amorosos.

O questionamento sobre o que faz alguém entrar para o crime é complexo e não é possível desconsiderar a estrutura social. O envolvimento com o crime pode promover acesso a bens materiais e imateriais que são tidos como importantes na sociedade. Entretanto, assim como aponta Hikiji (2006), o aprendizado musical pode promover autonomia e te colocar em uma posição de destaque e liderança, promovendo a melhora da autoestima para quem dela participa.

Quadros (2018) iniciou, em 2012, um projeto em espaço prisional nos Estados Unidos da América para oferecer oportunidades de prática musical em ambientes desafiadores. Sobre a situação de encarceramento refletiu sobre a realidade de subjugação, onde as pessoas encarceradas não são consideradas pessoas boas e nem inocentes. Inspirado pelo trabalho de Augusto Boal, dramaturgo brasileiro e criador do Teatro do Oprimido, a educadora musical Emily Howe e os educadores musicais André de Quadros e Jamie Hillman criaram a abordagem Empowering Song se utilizando do canto, meditação, trabalho corporal, demais linguagens artísticas, improvisação, poesia e diários a fim de explorar nossa interioridade, questionar as relações de poder assimétricas, construir comunidade e contestar a natureza da identidade imposta (Quadros, 2018). Busca-se oportunizar principalmente a auto ressignificação pessoal através do ensino musical.

Segundo Quadros (2018) a cada semana se surpreendia com as mudanças que cada indivíduo descrevia, pois percebia maior consciência da situação, na autoestima e no crescimento pessoal que ocorreu com a quebra de preconceitos pré-existentes como por exemplo a questão da masculinidade focada na violência, na coragem em expor suas ideias e criações artísticas, na força e no medo, exigindo do autor uma nova forma de enxergar o próprio ser. O texto relata que as estruturas de privação de

liberdade retira quase toda a liberdade básica do indivíduo fazendo com que na visão do autor mudanças de consciência pautadas na dor, no sofrimento não são caminhos viáveis para que ocorra transformações significativas no indivíduo, o caminho que se deve buscar é a solidariedade e a compaixão. O projeto proporcionou resultados expressivos e potentes onde os participantes encontraram acolhimento em si e nos outros, tendo a música como ferramenta para reconstrução do próprio ser.

Pude compreender o ato infracional de maneira mais complexa porque envolvem relações pessoais, culturais e sociais. É necessário considerar que os autores de atos infracionais vivem em uma sociedade com extrema desigualdade, que não dá conta de garantir o acesso à educação, saúde, trabalho, moradia e a bens culturais a todas as pessoas de maneira digna. Conseguimos desconstruir estigmas de que adolescentes em restrição e privação de liberdade tem problemas de aprendizado, são más pessoas e capazes de fazer a sociedade refém delas.

Refleti ainda sobre a saúde mental de educadores que lidam cotidianamente com a injustiça social e suas consequências. A estafa mental se deu por vários motivos: no trabalho, eu acreditava na ressocialização/socioeducação daqueles adolescentes em conflito com a lei, enquanto os via sendo tratados com violência e desumanizados, a partir de uma visão punitivista, por alguns colegas e por parte da sociedade. Nos adolescentes desumanizados via também o meu familiar.

Ao me aproximar daqueles adolescentes e sentir que eu fazia diferença em suas vidas, pensava no meu familiar o qual não conseguia ajudar. Era uma carga emocional pesada que se somava à uma autocobrança.

A partir desse relato, não nos centramos na interpretação, mas no desejo de saber que nasceu da experiência vivida. Outros temas relevantes sobre a experiência relatada não fizeram parte desse artigo, mas que, ao estudar o referencial teórico da pesquisa em

desenvolvimento - Arroyo; Chiarini; Yamaoka (2019), Arruda (2019), Fernandes (2023), Hikiji (2006) e Quadros (2018)- e os documentos oficiais (Estatuto da Criança e do Adolescente e o Projeto Político Pedagógico Institucional do Iases), pude refletir novamente sobre o que vivi.

Refletir e estudar sobre essa experiência ao longo da Iniciação Científica possibilitou reafirmar a potencialidade do ensino de música para a formação humana, reinterpretar o vivido e gerar outras e mais complexas relações com a realidade.

## Referências

ARROYO, Margarete; CHIARINI, Caio; YAMAOKA, Denise. Educação musical e políticas públicas para proteção social básica e medidas socioeducativas envolvendo adolescentes na cidade de São Paulo. *Opus*, v. 25, n. 3, p. 446-473, 2019.

ARRUDA, Murilo F. V. *Música comunitária em um projeto social de lazer: processos educativos decorrentes*. 2019. Tese (Doutorado em Educação) - Centro de Educação e Ciências Humanas, Universidade Federal de São Carlos, São Carlos.

DOMINGO, José C. Relatos de experiência, em busca de un saber pedagógico. *Revista Brasileira de Pesquisa (Auto) Biográfica*, Salvador, v. 01, n. 01, p. 14-30, 2016.

FERNANDES, José Fortunato. Significados da música para pessoas em privação de liberdade. *Revista da Abem*, v. 31, n. 1, 2023.

HIKIJ, Rose Satiko Girirana. *A música e o risco: etnografia da performance de crianças e jovens*. São Paulo-SP: Editora da Universidade de São Paulo, 2006

QUADROS, André de. Nurturing vulnerability in imprisoned manhood: a spirit journey. In: HENDRICKS, Karin S.; TILLMAN, June. *Queering freedom: music, identity, and spirituality*. New York: Peter Lang, 2018.